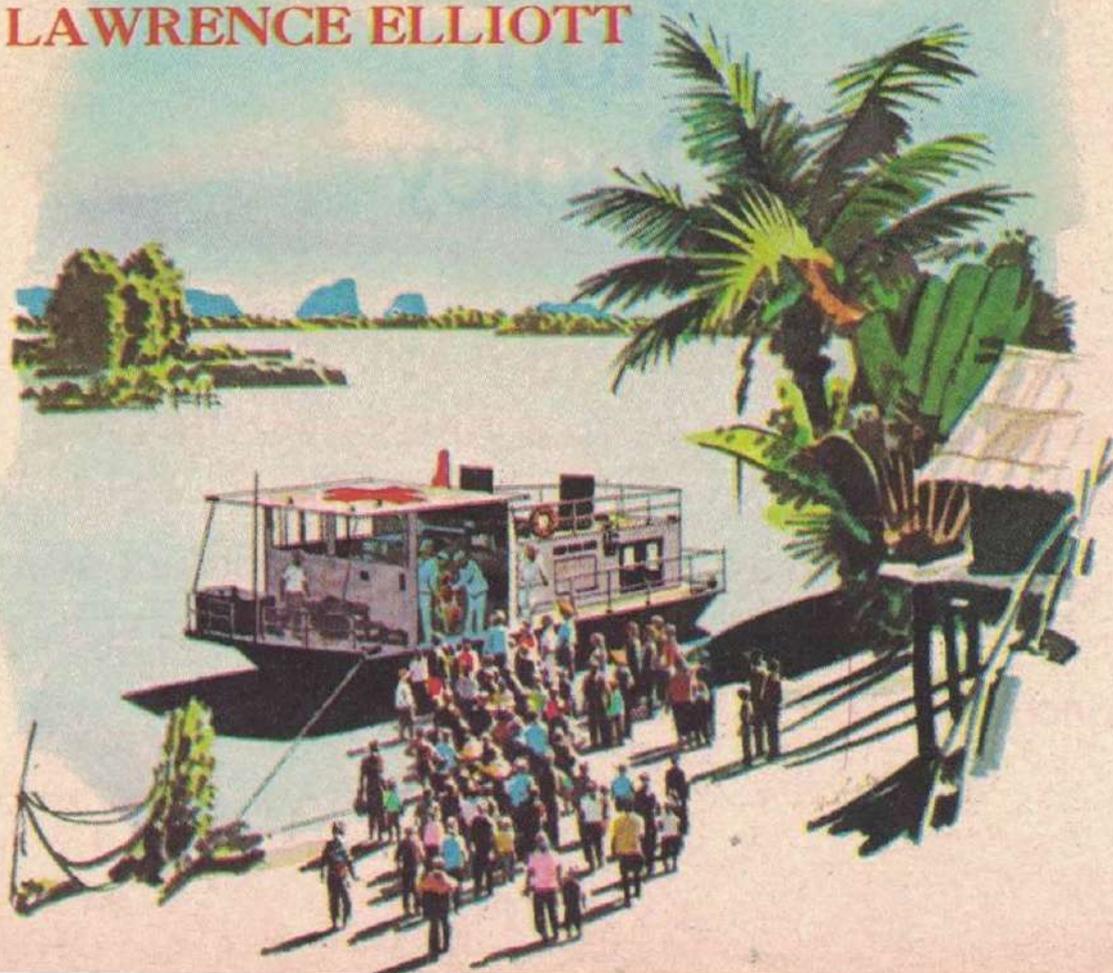


Seção de Livros

O Legado de Tom Dooley

Condensação do livro de
LAWRENCE ELLIOTT





Acreditamos que só podemos conquistar a amizade das pessoas trabalhando ao lado delas, sêres humanos com sêres humanos, por objetivos que compreendam e elas mesmas desejem. Nosso instrumento para isso será a Medicina.

—DR. THOMAS A. DOOLEY

O Legado de Tom Dooley

Quando Tom Dooley morreu, em 1961, aos 34 anos de idade, pareceu que o seu sonho talvez morresse com êle. Mas uma legião cada vez maior de voluntários, médicos, enfermeiras, aeromoças e técnicos continua a seguir o seu exemplo iluminado de servir os desvalidos e os necessitados do Sudeste da Ásia.

DA POEIRENTA pista de pouso de Ban Houei Sai, no Laos, onde foram apeados com sua bagagem e um estoque de medicamentos, os dois homens partiram imediatamente à procura do hospital—o último fundado pelo Dr. Tom Dooley. Nessa altura—fevereiro de 1962—o hospital estava vazio e arruinado pelo abandono, fechado havia cinco meses por causa da “instabilidade” na região. Os recém-chegados, Dr. Carl Wiedermann e o jovem Al Harris, estavam incumbidos de reabri-lo.

Os dois formavam uma dupla excepcional. Wiedermann, refugiado da Alemanha nazista, era inequivocamente germânico, meticoloso e eficiente. Harris, que servira na Marinha americana como técnico de Medicina, tinha recentemente frequentado a universidade em Maryland, mas não se sentira bem lá e gaguejava muito. Mas êsses companheiros tão diferentes estavam ligados um ao outro por laço poderoso—ambos haviam trabalhado com Tom Dooley e eram fanàticamente fiéis à sua memória e aos seus ideais.

O hospital de Ban Houei Sai fica num morro alto, com uma vista espetacular do Rio Mekong. Durante alguns momentos o Dr. Wiedermann e Al Harris ficaram parados a contemplá-lo fascinados pela magnificência da terra que se estendia ondulante para além do rio. Para as 50.000 almas que viviam na região até a um dia de viagem de Ban Houei

Sai—os aldeões do Laos e da Tailândia e as tribos das montanhas que tinham fugido do Pathet Lao comunista—o Mekong era estrada, banheira, bebedouro, lavanderia e ganha-pão. Antes de Tom Dooley não houvera hospital algum em tôda aquela região. E quando fechou o hospital de Ban Houei Sai, novamente ficaram sem nenhum.

Os prédios abandonados do hospital exalavam cheiro de podridão; Wiedermann e Harris viram que recuperá-lo seria um trabalho gigantesco. Mas Tom Dooley lhes ensinara a vencer tais dificuldades: êle ou improvisava soluções ou desprezava os problemas e as dificuldades. Mesmo durante os últimos meses desesperados da moléstia, sua coragem e seu espírito haviam sido um alento para todos os que trabalhavam com êle. A um visitante receoso de comer a comida do lugar, Dooley observou certa vez para animá-lo: “Vamos! Coma! Eu como isto há cinco anos, e o meu único mal é um câncer.” Era impossível não se deixar inspirar por um homem assim.

Havia nas proximidades alguns soldados norte-americanos, remanescentes de um contingente enviado ao Laos para treinar a milícia local. Wiedermann e Harris recrutaram alguns dêsses homens para ajudá-los, e passaram o dia fazendo faxina nos prédios abandonados. Pouco depois do anoitecer—com tal rapidez se espalhou a notícia—êles já recebiam o seu primeiro paciente, um homem

com uma úlcera perfurada. O irmão do doente carregara-o às costas, ninguém sabe desde onde. “Ele precisa ser operado”, decidiu Wiedermann. “Operação delicada.”

Não era possível esperar condução para levá-lo a um hospital mais bem equipado, nem aguardar a chegada dos instrumentos adequados. Opresivamente cômico de suas limitações como cirurgião, Wiedermann preparou-se o melhor que pôde.

Não havia autoclave, de modo que Harris simplesmente ferveu bisturis e fórceps numa panela de cozinha. Ficou trabalhando ao lado de Wiedermann, pinçando os vasos sanguíneos e passando-lhe os instrumentos. Um soldado ministrou a anestesia—éter gôta a gôta—e obrigaram mais um homem a ajudar, segurando uma lanterna de pilha sôbre a incisão. E porque êste, enjoado, cambaleava a todo momento, a iluminação nunca passou de irregular.

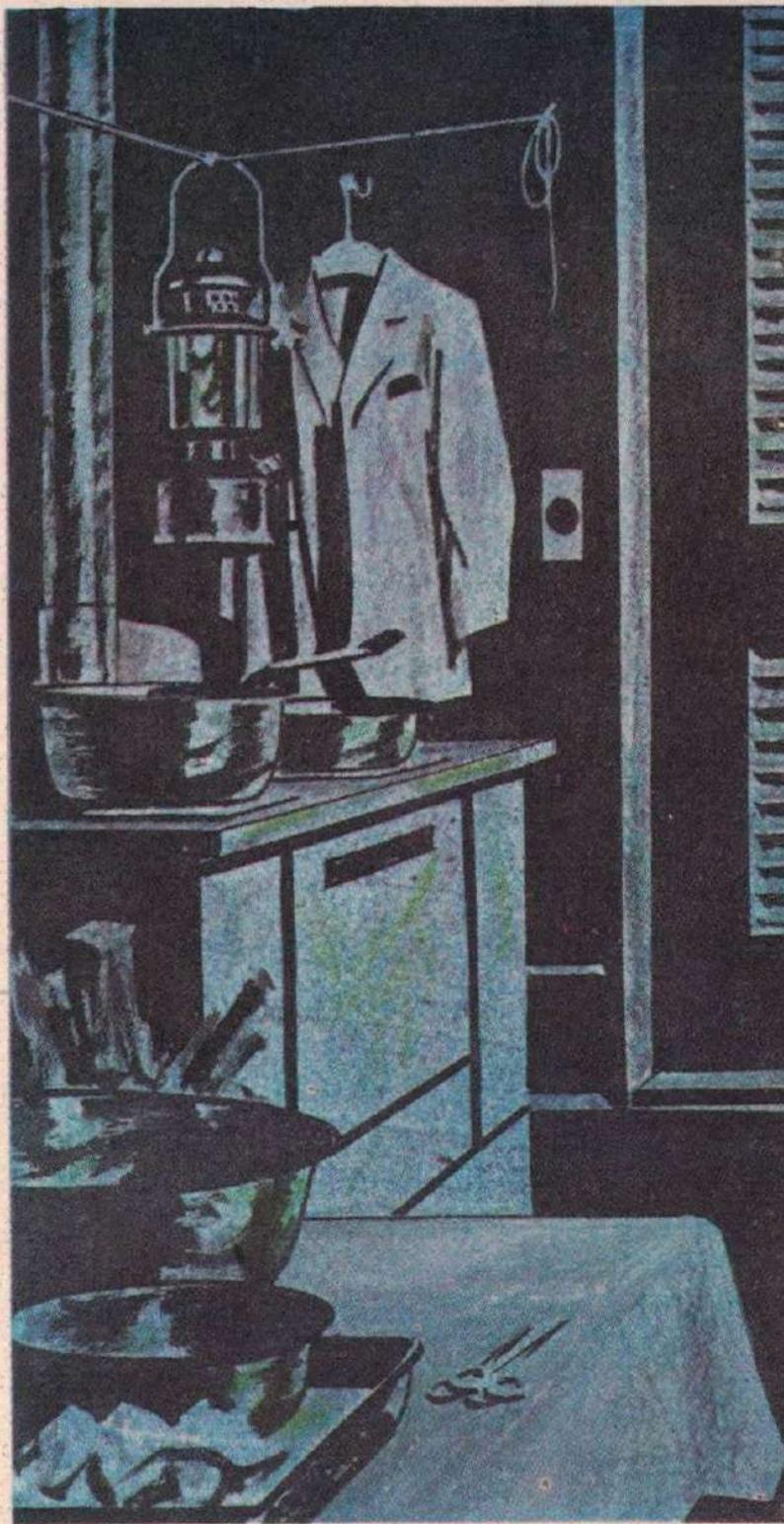
O furo no intestino, resultado fatal de febre tifóide não tratada, media perto de três centímetros de diâmetro. Wiedermann cortou cuidadosamente o tecido doente.

—Ele continua bem?—pergunta-va repetidas vêzes.

E Harris, certo apenas de que o homem respirava, respondia:

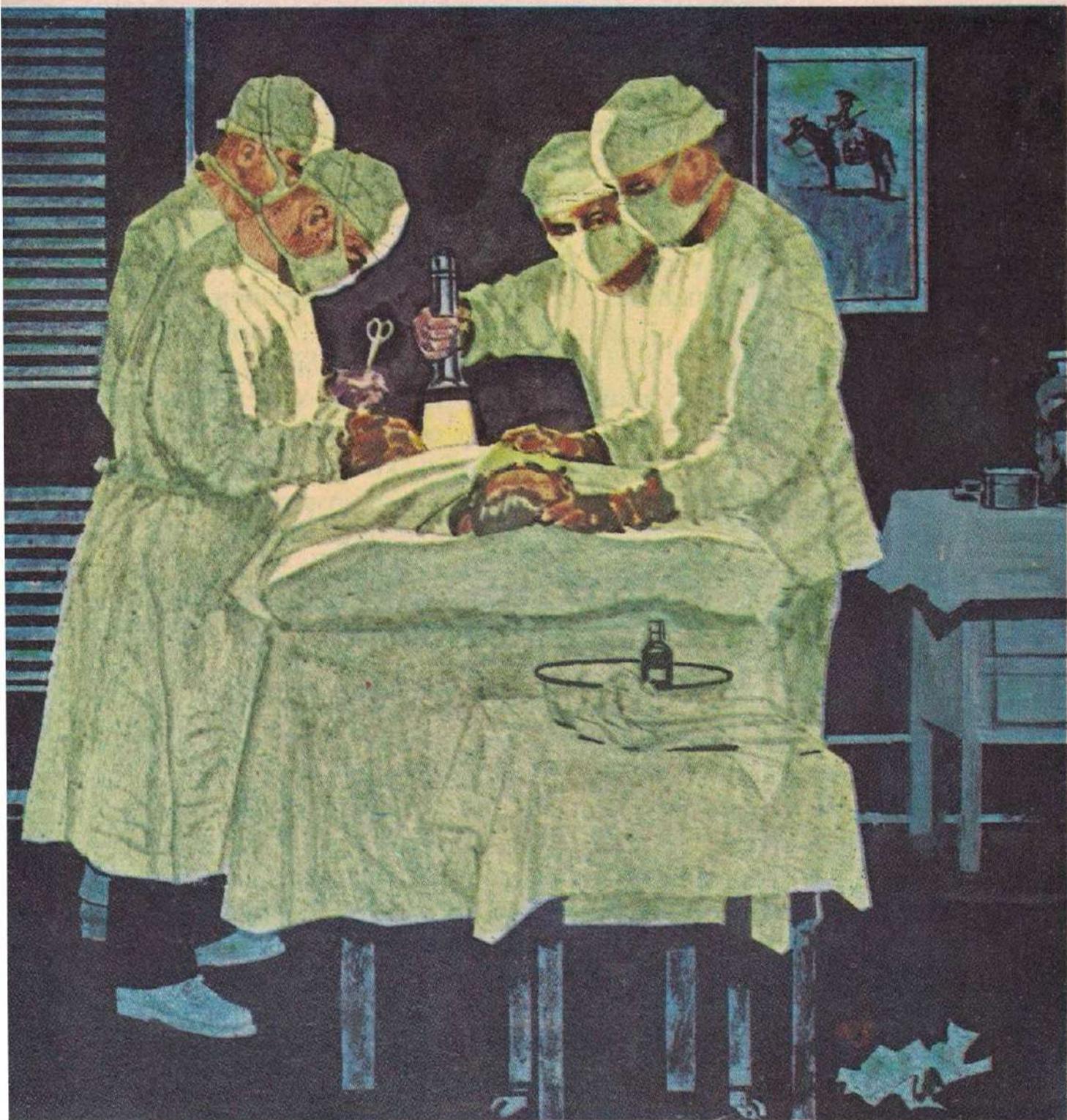
—Sim, êle está muito bem.

Os fios de sutura eram muito grossos, mas não havia outros, e Wiedermann pacientemente religou o intestino e depois fechou a incisão com o mesmo fio grosso. Terminada a sutura, colocaram o paciente no



canto da enfermaria—ainda não havia camas—deram comida ao irmão e mandaram-no de volta ao hospital para ficar de guarda. À meia-noite caíram exaustos sôbre os estrados de madeira que lhes serviam de cama.

Pareceu-lhes que eram decorridos



apenas alguns minutos quando foram acordados por violentas pancadas na porta. Era o irmão, encharcado, tremendo de frio e agitado demais para fazer outra coisa senão empurrá-los em direção à enfermaria. A chuva, trazida por fortes ventos, havia inun-

dado a enfermaria. O paciente jazia ensopado e sofrendo, com a água fria a bater-lhe no rosto.

—Agarre-o pelos pés!—ordenou Wiedermann a Harris.

Êle já o segurava pelas axilas. Carregaram-no até à casa, puseram-no

sôbre um dos estrados, secaram-no e cobriram-no com todos os cobertores que encontraram. Quase ao raiar do dia o doente adormeceu. Wiedermann e Harris sentaram-se no chão e cochilaram. Terminara o primeiro dia em Ban Houei Sai, e a Fundação Thomas A. Dooley, recém-reorganizada, estava funcionando.

Nasce Uma Fundação

QUANDO o Dr. Tom Dooley morreu, de câncer, em janeiro de 1961, no dia seguinte ao do seu 34.º aniversário, parecia que a sua grande obra morria com êle. O seu zêlo fervoroso levava assistência médica aos necessitados do Laos, do Camboja, da Malásia, do Vietname e de outros pontos da Ásia—tudo isto sem auxílio do govêrno, nem ligações com qualquer seita religiosa. Em 1960, êle e os voluntários que reunira haviam fundado sete hospitais e oito centros de saúde, nas partes mais atrasadas da Ásia. A recompensa, em têrmos de recuperação humana, foi extraordinariamente grande.

Mas o trabalho, sempre precariamente financiado, tornara-se possível exclusivamente devido ao talento que Dooley possuía para abrir os corações e as carteiras das pessoas. Depois de sua morte, surgiu a pergunta: poderá esta cruzada continuar na mesma base particular?

O Dr. Verne Chaney, que trabalhara com Dooley, achava que sim, e também assim achava Malcolm, irmão de Dooley, e Teresa Gallagher, dedicada auxiliar para to-

dos os assuntos. Um dia, Chaney telefonou à mãe de Dooley, em St. Louis, no Misúri, e disse-lhe que queria organizar uma fundação com o nome de Tom, para continuar o seu trabalho na Ásia, e que desejava a permissão e o apoio dela. Agnes Dooley não hesitou.

—São seus—respondeu.

E assim foi que, numa entrevista à imprensa, em São Francisco, no dia 15 de setembro de 1961, a Sr.ª Dooley comunicou a organização da Fundação Thomas A. Dooley. Foi um momento inspirador. Mas ninguém mencionou que o saldo bancário da nova fundação era de apenas 154 dólares e que a sua sede era uma cabina telefônica.

Última Promessa

QUANDO foi trabalhar com o Dr. Tom Dooley, numa viagem de inspeção de três meses, no verão de 1960, Verne Chaney tinha uma excelente clientela particular de cirurgia torácica. Em fevereiro de 1961, êle abandonou a clínica, e muitos de seus amigos acharam que estava louco. Abrir mão daquela renda ótima e da sua vida de confôrto? Mas Chaney, de 38 anos de idade, nunca mais olhou para trás. A experiência de trabalhar com Dooley deixou nêle profunda impressão.

Dooley nunca perdia uma oportunidade de fazer Chaney ver o valor e o sentido de sua obra na Ásia. “Nós podemos chegar a lugares inacessíveis ao govêrno”, dizia êle. “Tôdas as relações que esta gente

tem tido com o seu govêrno têm sido opressivas —cobradores de impostos, burocracia, guerra—e instintivamente êles transferem as suas desconfianças para qualquer outro govêrno também. Mas nós vimos aqui sem armas e sem discursos—apenas gente—e quando tratamos uma criança doente, é muito difícil a mãe da criança ter mêdo de nós.

Chaney achava que a sua primeira tarefa devia ser a de cumprir uma das últimas promessas feitas por Dooley. Em sua viagem pela Ásia, Chaney encontrara 40.000 refugiados tibetanos nas montanhas em volta de Dharmasala, na Índia. Diante da brutal invasão chinesa tinham deixado sua pátria com pouco mais que a roupa do corpo, e viviam em barracas superlotadas, sem instalações sanitárias e sem assistência médica de qualquer espécie. Naturalmente, sofriam de muitas moléstias, e quando o Dalai Lama, chefe espiritual do Tibete, lembrou a Chaney que Dooley se comprometera a mandar duas unidades médicas volantes para êles, Chaney reiterou o compromisso com firmeza. Êle não tinha a mais vaga idéia de como arranjar essas unidades volantes, mas sabia que tinha de consegui-las.

Já antes de a Fundação Thomas A. Dooley ser estabelecida, Chaney tinha viajado até Oneonta, no Estado de Nova York, sede da Medical Coaches Inc., e pedira para falar com o seu presidente, Ian M. Smith. A conferência dos dois foi rápida e objetiva. Chaney explicou a necessidade

premente que os tibetanos tinham de duas unidades volantes, depois confessou que não poderia pagá-las e que no momento não tinha dinheiro sequer para transportá-las até à costa do Pacífico, quanto mais até à Índia.

—O senhor está falando em cêrca de 35.000 dólares, excluídos os custos de frete—disse Smith.

Mas êle era um homem cujo coração às vêzes desorganizava a sua contabilidade, de modo que prometeu entregar as unidades na Califórnia antes do fim do ano.

—Então falaremos em dinheiro—disse êle.

Quando ficaram prontas as unidades volantes—um caminhão e um jipe—Chaney já havia encontrado a maneira de pagá-las—ou pelo menos assim o esperava. Mandou entregá-las em Monterey, na Califórnia, de onde foram levadas, de cidade em cidade, e exibidas nas escolas, nos centros comerciais e em terrenos baldios, sempre com a mesma mensagem: “Você quer dar um dólar para nos ajudar a cumprir a promessa feita por Tom Dooley aos refugiados do Tibete?” Os dólares começaram a pingar, poucos a princípio, depois avolumando-se como uma inundação, quando alguém sugeriu que se personalizasse a doação, assinando cada doador o seu nome nas paredes do caminhão. Enquanto isto, um grupo de adeptos de Dooley, em Chicago, levantava 5.000 dólares para ajudar a pagar as unidades médicas, e Chaney inteirou o restante, com um empréstimo que êle pessoalmente

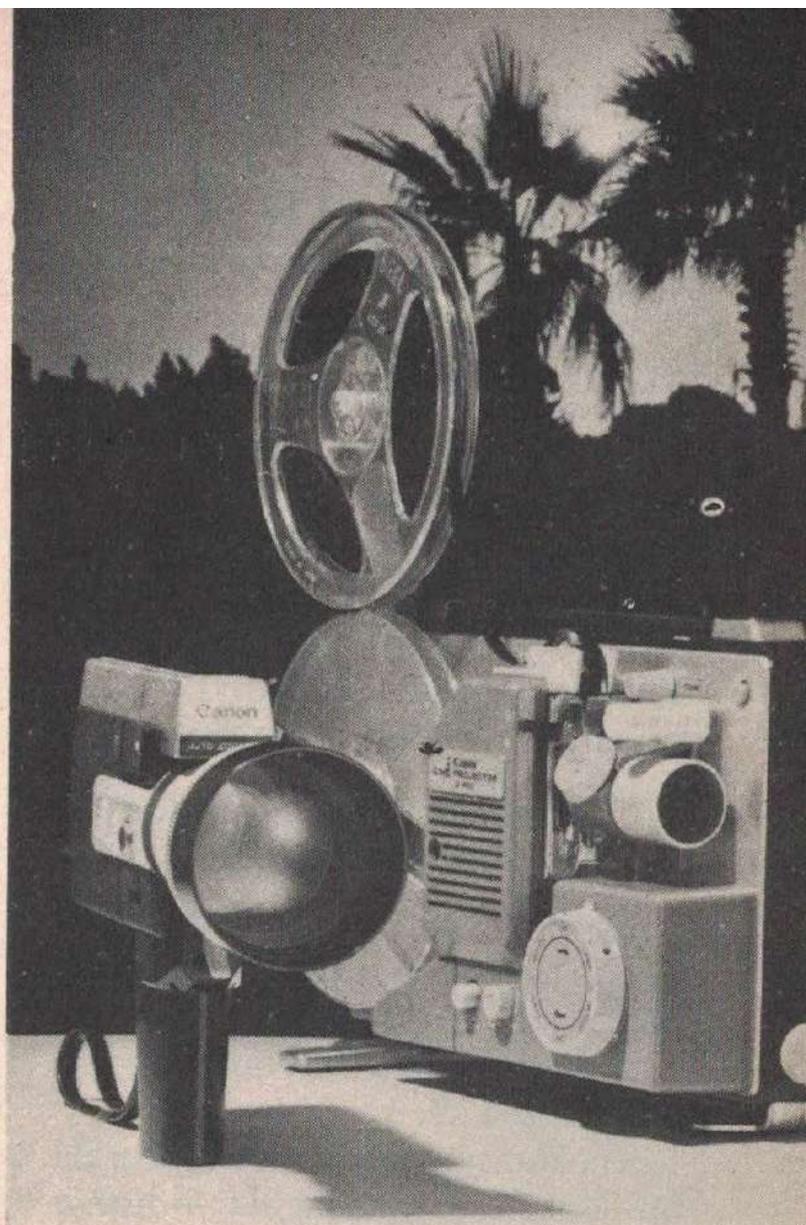
obteve em um banco. Por fim as milhares de assinaturas foram cobertas com uma camada de goíma-laca e as unidades despachadas para a Índia.

Êsse pequeno êxito foi duplamente bem recebido, porque o resto do programa estava marchando com muita lentidão. Chaney verificou que caberia a êle encarregar-se de tudo—comprar papel de carta e grampos de papel, providenciar a impressão e a remessa de listas; despachar e armazenar coisas—todos êstes, assuntos que êle desconhecia. E havia o problema de arranjar dinheiro.

—Essa era a parte que eu mais detestava—diz Chaney.—Mesmo quando tinha a minha clínica particular, eu achava difícil pedir aos clientes que pagassem suas contas. E agora ali estava eu implorando um dólar, ou um arquivo, qualquer coisa.

Mas também neste ponto Dooley lhe havia ensinado como proceder. “Olhe”, dissera-lhe Tom certa vez, demonstrando um ponto de vista friamente realista quanto ao seu trabalho de relações públicas, “cada vez que alguém tira meu retrato isso pode significar mais seis vidros de xarope na minha estante. Tôda vez que eu apareço num programa de televisão, chegam-nos doações para êstes hospitais. Sou apenas um instrumento, uma ferramenta. Preciso que as pessoas comprem os meus remédios e paguem a minha passagem de avião para o Laos. Eu preciso ser vendido.”

Agora Chaney aceitava o fato de que *êle* se tinha tornado o “instru-



Dois lindos gêmeos!

A máquina de filmar Auto Zoom 518 e o nôvo Projetor S-400. A melhor combinação que já existiu para filmar e projetar filmes domésticos - um conjunto Canon para você mesmo usar!

Canon

CANON LATIN AMERICA, INC.: Apartado 7022, Panama 5, Panamá, Rep. do Panamá
ZILCON IMPORTADORA LTDA.: Av. Rio Branco, 50-19.º andar, ZC-21 - Rio de Janeiro, Brasil

mento". Bateu em inúmeras portas, esperou em inúmeras ante-salas, repetiu sua história muitas vezes, e, quando lhe recusavam ajuda, êle passava obstinadamente à possibilidade seguinte. Com o tempo, um número suficiente de pessoas atendeu aos seus apelos, e assim foi que um escritório da TADF (Thomas A. Dooley Foundation) pôde ser instalado em base permanente, ainda que um tanto precária, e mais 12 surgiram em vários pontos do país.

"Ninguém Vai Dinamitar Êsse Hospital!"

QUANDO Chaney escolheu Al Harris para ajudar a reabrir o Hospital Dooley em Ban Houei Sai, ainda tinha muito pouco com que começar além da sua fé.

—Tenho um cartão de crédito da Pan American para lhe dar—disse a Al—mas creio que é só. A partir de amanhã estarei batendo a portas para angariar recursos, e os mandarei a você tão logo e com tanta freqüência como puder. Mas no momento...

Ergueu as mãos vazias numa eloqüência muda.

—Nós d-d-daremos um jeito—disse Al, gaguejando em seu entusiasmo.—De qualquer modo, prefiro mil vezes o m-m-meu serviço ao seu.

Al tomou o avião para Bancoc, onde o aguardava o Dr. Wiedermann. E lá, vivendo com a máxima economia, os dois homens iam diariamente à Embaixada Americana buscar o dinheiro que Chaney, a essa altura, *forçosamente* teria remetido.

Cada dia iam ficando mais ansiosos.

Ao fim de uma semana, concluíram que teriam de agir com dinheiro ou sem êle. Seguindo cada qual um rumo diferente, procuraram as firmas fornecedoras de medicamentos em Bancoc e lançaram mão do prestígio do nome de Dooley, encomendando remédios e equipamento que precisavam. Depois de fazerem compras no valor de 3.000 dólares—"Podem mandar a conta com as encomendas para o hospital da Fundação Dooley"—rumaram para o aeroporto e arranjaram uma carona em avião da Air America, linha aérea contratada pelo govêrno americano.

O primeiro paciente de Ban Houei Sai, o homem com a úlcera perfurada em conseqüência da febre tifóide, de algum modo resistiu à operação e à chubarada subsequente. Dada a elevadíssima taxa de mortalidade nesse tipo de cirurgia, até mesmo nas condições mais favoráveis, o fato pareceu bom sinal. De qualquer maneira, o dinheiro começou a chegar, aos pouquinhos, de São Francisco, e, embora nunca fôsse suficiente, Wiedermann e Harris conseguiram arranjar-se, porque, como Verne Chaney, êles também se tornaram peritos em driblar crises financeiras.

Lavavam as ataduras e usavam barbante quando se esgotava o esparadrapo cirúrgico—mas pagavam suas contas de remédios. Regateavam na compra de comidas na barulhenta feira matinal de Ban Houei Sai e cultivavam seus próprios legumes. E quando não tinham gaso-

dormiu no hospital Dooley, pois começaram a chegar os primeiros feridos. Na quarta-feira pela manhã, Ban Houei Sai era um caos. Tôdas as ruas e estradas derramavam a sua porção de refugiados à margem do rio, todos clamando para serem levados para o outro lado e para a segurança da Tailândia, enquanto os soldados do lugar abriam caminho, por entre a multidão, com cargas de demolição para cada edifício importante.

Na noite seguinte, atormentados pelos militares e pressionados por rumores de que elementos do Pathet Lao se aproximavam—a 50, a 30 e até a 10 quilômetros de distância—Wiedermann e Harris acharam que teriam de evacuar o hospital. Pediram emprestado um jipe aos militares e começaram a remover os mantimentos e o equipamento cirúrgico para o rio. Pela manhã Wiedermann atravessou o rio, até à cidade de Chieng Khong, e combinou com as autoridades tailandesas para manter aí um hospital de emergência.

Durante todo aquêle dia transportaram os pacientes e o material médico de um lado para o outro do Mekong. Bem cedo, na manhã do dia 11, Harris partiu sozinho para recuperar alguns cobertores, telas e instrumentos de ortopedia, pagando a um assustado barqueiro tailandês o equivalente a 50 dólares pelo privilégio de servi-lo.

Harris subiu para o cais de uma cidade deserta. Restavam apenas os militares, que executavam metódicamente o trabalho de demolição.

A residência do governador explodiu com um rugido acompanhado de poeira exatamente quando Al Harris chegava ao alto do morro, e os alojamentos do comandante militar explodiram em seguida. Harris correu os últimos 150 metros até ao hospital. Os soldados estavam estendendo um rôlo de fio detonador em direção ao prédio principal. Furioso, Al gritou:

—Eh! Ninguém vai dinamitar êsse hospital!

Confusos, êles o olharam, e um respondeu em inglês:

—Nós recebemos ordens.

Al praguejou contra as ordens. Procurava, aflito, descobrir uma maneira de salvar o hospital, quando apareceu, vindo do alto de um morro, montado numa bicicleta, o velho padre católico da cidade.

—Padre—gritou Al—o senhor quer dizer, por favor, a êstes burros que não dinamitem o hospital? Não há Pathet Lao aqui. Pode ser até que nem venham . . .

—Eu já lhes disse—respondeu o velho, abatido.—Êles queriam destruir a igreja, eu mandei dois paroquianos a uma distância de 20 quilômetros pela estrada de Nam Tha para investigar, mas êles só viram soldados do Exército Real. Assim mesmo, os militares destruíram a igreja. Êles não quiseram ouvir-me.

—Pois vão ouvir agora—declarou Al—ou vão ter nas mãos um americano morto. Porque eu vou entrar naquele hospital, e não vou sair enquanto êles não sumirem ou me pro-

varem que Ban Houei Sai vai realmente ser atacada.

Harris subiu a escada do hospital e bateu com a porta. Os soldados ficaram aparvalhados um instante, depois começaram a discutir com o padre e entre si. No fim tornaram a enrolar o tal fio e retiraram-se. Al Harris deixou escapar um suspiro profundo e trêmulo. Agora teria de preocupar-se apenas com o Pathet Lao.

Mas êle tinha razão. Ficou lá quatro dias, e, não aparecendo tropa comunista alguma, desapareceu da cidade a sensação de um fim iminente.

A Conquista de Barbara Boyd

TOM DOOLEY inspirou muita gente a seguir a sua causa —às vêzes mesmo contra a vontade das pessoas. Tomemos, por exemplo, Barbara Boyd, que trabalhava num hospital fundado por Dooley em Quang Ngai.

Barbara conheceu Tom Dooley em 1959, à beira da piscina do Hotel Princess, de Bancoc. É uma môça extremamente interessante, e Dooley, que viajava de um dos seus hospitais no Laos para outro no Camboja, sentiu-se atraído por ela. Mas a conversa dêle não tinha nada de romântico. Que fazia ela em Bancoc? Ela explicou que seu pai, um engenheiro hidráulico, tinha terminado uma obra no Ceilão e que a família estava agora de regresso aos Estados Unidos. Por que queria ela ir com êles, indagou Dooley, quando havia tanto trabalho ali mesmo para uma môça sadia como ela? Êle poderia

mandá-la para o seu hospital de Muong Sing, onde era necessária.

—Achei que êle estava doido —disse Barbara.—No Ceilão eu havia passado o que me parecera uma eternidade, afastada das festas e dos programas com rapazes, coisas de que as mocinhas gostam, e êle agora vinha-me oferecer *mais* vida de mato!

Declarou a Tom Dooley que ia voltar para o seu país e arranjar um emprêgo glamuroso, talvez de aeromoça, e que êle ficasse com o seu mato. Mas Dooley não desistia.

—Você vai mudar de idéia—disse êle.—O que você procura está aqui mesmo; só que você ainda não o sabe.

Dentro de algumas semanas Barbara conseguiu realmente o emprêgo de aeromoça. Um ano depois encontrou-se novamente com Dooley. Ela estava num vôo noturno, que partia de St. Louis, quando êle subiu a bordo, capengando, consumido e debilitado pelo câncer. Apesar disso, fazia uma *tournee* de conferências por todo o país, destinada a angariar um milhão de dólares. Nessa época êle era mundialmente conhecido, mas estava febrilmente cômico do pouco tempo que lhe restava e de tudo o que ainda precisava ser feito. Sua impaciência com os críticos e os que duvidavam dêle provocou um episódio embaraçoso que Barbara nunca esqueceria.

Dooley dirigiu-se à sala de repouso na parte de vante do avião. Repetiu a Barbara que êle tinha um trabalho relevante para ela e que as pessoas com fôrças para realizar êsse traba

lho tinham obrigação de o fazer. Essas pessoas tinham uma dívida para com os que eram fracos.

—Que é que eu devo? —perguntou Barbara sombriamente.

—Deve uma parte de você mesma!—Êle ficou irritado.—Ouça, se você puder ensinar uma criança do Laos a escovar os dentes e a limpar o traseiro, terá feito algo grande. Você não vê que isto é mais importante do que saltar de 20 em 20 minutos para ir buscar um uísque para um velhote qualquer?

Do outro lado da coxia o “velhote” ouviu nitidamente e levantou os olhos da sua revista. Horrorizada, Barbara procurou desajeitadamente uma saída salvadora, e afinal apresentou Dooley como sendo o médico que dedicara sua vida a levar assistência médica às aldeias mais remotas da Ásia. Sem se aplacar, o homem roncou e disse que sim, que êle tinha ouvido falar do “bom doutor”. E depois disse:

—Também li que nem tôdas as pessoas que o senhor manda para lá são médicos e enfermeiras plenamente habilitados.

—Eu mando pessoas que queiram ficar —retrucou Dooley.—Êsse é o primeiro requisito. Quando prestam, aprendem bem depressa o que precisam aprender.

—A praticar medicina do século XIX?

—Para doenças do século XIX, certo! Quando foi a última vez que houve um caso de peste bubônica na sua cidade? Ou bouba, cólera ou

disenteria amebiana? Essas são moléstias do século XV, e nos aparecem a tôda hora, todos os dias. Tratá-las com técnicas médicas do século XIX é o máximo que podemos fazer, e é muito mais do que não fazer absolutamente nada!

Barbara Boyd sentiu o coração apertado por causa daquele homem, que reagia com raiva contra pessoas que absolutamente não eram suas inimigas, porque o seu verdadeiro inimigo estava fora do alcance de todos. Ela queria que o outro homem compreendesse, que se lembrasse de que Dooley dera a sua vida àquilo em que acreditava; e que agora estava morrendo, com a sua obra ainda por fazer, e que só isto explicava a sua raiva. Mas, naturalmente, não era possível dizer qualquer dessas coisas.

Depois disso Barbara nunca mais se sentiu inteiramente satisfeita com seu emprêgo “glamuroso” na companhia de aviação. Em Dallas, no Texas, onde ficava a sua sede, ela começou a aceitar empregos de meio-expediente com alguns médicos, mas não podia esquecer que Dooley dissera que êle precisava mais dela. Em janeiro de 1961, Barbara foi visitar seus pais na cidade de Nova York. Lá ouviu dizer que Dooley estava internado no Memorial Hospital, e resolveu ir vê-lo. Ficou resfriada e adiou a visita. No dia 18 ela sentiu-se pior ainda e ficou de cama. Nessa noite ouviu um noticiário radiofônico. Tom Dooley falecera. Na manhã seguinte ela telefonou para o

escritório dêle propondo-se para seguir como voluntária para a Ásia.

“A Gente Aprende Porque é Preciso”

DESDE o princípio, Barbara adou trabalhar no hospital de Quang Ngai, pequeno e bem cuidado, cêrca de 500 quilômetros ao norte de Saigon. A equipe compunha-se de dois médicos, duas enfermeiras e três intérpretes. Os 40 leitos viviam ocupados. Na verdade, quando se intensificava a atividade do Vietcong, não era incomum colocarem-se três pacientes na mesma cama, e essa arrumação era conhecida como acomodação “semiparticular”.

Embora Barbara até então nunca tivesse entrado numa sala de operações, dentro de alguns dias estava ajudando em operações cirúrgicas importantes. Cuidava também de doentes em viagens regulares que fazia às aldeias da província.

—A gente aprende o que precisa saber porque tem de aprender — explica Barbara. — Não há outra pessoa para fazer o nosso trabalho.

De todos os programas em Quang Ngai o que mais aumentou as esperanças da equipe foi o projeto de imunizar as crianças da província contra a difteria, a coqueluche e o tétano. Era um empreendimento de grande envergadura. A província de Quang Ngai é relativamente pequena, mas é recortada por montanhas e um litoral acidentado, e é há muito tempo uma fortaleza vietcong.

Os técnicos de saúde vietnamitas

elaboraram um programa para as visitas às aldeias, e todos os dias Barbara e outra enfermeira, chefiando grupos separados, partiam para o interior, em dois caminhões velhos. Quadros e cartazes pontilhavam a zona rural, explicando o seu programa, e centenas de mulheres e crianças estavam à sua espera onde quer que elas parassem. Algumas das mulheres caminhavam mais de 50 quilômetros através do mato para vacinar seus filhos pequenos nas aldeias. Durante nove meses estafantes a equipe de Quang Ngai viveu o programa de imunização, da madrugada ao anoitecer.

O Vietcong era parte importante de suas vidas diárias. Muitas vêzes um dos grupos de imunização entrava de caminhão numa aldeia onde o chefe ou um dos anciãos acabava de ser assassinado. Mas tôda a equipe trajava uniformes brancos, os caminhões ostentavam cruces de um vermelho vivo, e ninguém fazia segredo de suas idas e vindas.

Em tôdas as emergências a equipe de Quang Ngai — seguindo as melhores tradições do próprio Dooley — dava um jeito de obter as coisas de que precisava. Uma vez, quando os ataques do Vietcong elevaram enormemente o número de vítimas, o hospital teve de encontrar uma autoclave maior para esterilizar os instrumentos e o material de cirurgia. Houve momentos em que a busca pareceu inútil.

Então Barbara soube que acabava de ser montado um nôvo hospital

de campanha em Danang, 110 quilômetros costa acima. Algumas horas depois, tendo conseguido carona num helicóptero, ela enfrentava o médico responsável, um jovem capitão recém-chegado ao Vietname. Teria êle uma autoclave sobressalente?

—Tenho duas—respondeu êle.

—O senhor pode-me dar uma para Quang Ngai?

—Não—declarou o capitão.—Foram consignadas a mim, e haveria complicações burocráticas e interminável papelada entre mim e Washington se eu desse uma delas.

Barbara voltou-se decepcionada.

—Mas—acrescentou o jovem médico—eu vou ficar aqui um ano, e nada impede que eu *empreste* uma autoclave à senhora até ao dia de minha partida!

Barbara tê-lo-ia beijado ali mesmo se não estivessem sob os olhares curiosos de todos os pacientes daquele andar. Em vez disso, agradeceu-lhe efusivamente e voou de volta a Quang Ngai com a sua grande e reluzente autoclave. No dia seguinte estava de volta ao trabalho de vacinar as crianças.

O programa de imunização foi finalmente terminado em março de 1963. Pouco depois, o hospital não tinha mais doentes de difteria e restavam apenas uns poucos casos de coqueluche. Tinha-se quebrado o ciclo da reinfecção, e mesmo sem mais uma imunização adicional o programa já havia assegurado uma redução substancial dessas moléstias para muitos anos.

Pílulas Contra Pi

NO COMBATE à ignorância e ao fatalismo de séculos, as armas mais eficazes são muitas vêzes o tato e um pouquinho de astúcia. Tom Dooley compreendeu o triste dilema dos aldeões que de um lado eram puxados pela sua medicina moderna, e em sentido oposto pelos seus venerados curandeiros. A tática de Dooley era tratar os médicos do lugar como colegas seus. Disse êle certa vez: “O nosso entendimento era que êles poderiam invocar os espíritos indicados se eu pudesse ministrar a penicilina.”

Essa estratégia ainda funciona. Quando voltava, à noitinha, de uma clínica na aldeia, um jovem médico de Ban Houei Sai, ao contornar uma curva, quase atropelou uma mulher de Yao, que correu ao seu encontro acenando com os dois braços para que êle parasse. Falando rapidamente com o intérprete, pediu desculpas por estar atrasada para a clínica da aldeia. Ela morava longe e havia caminhado o dia inteiro. Estava grávida e queria fazer um abôrto, porque os *pis*—espíritos malignos da morte e da infelicidade—se haviam apoderado dela, e o seu bebê ia nascer cego ou morto.

O médico ouviu o caso com uma expressão séria. Infelizmente, disse êle, não trouxera nada consigo para fazer um abôrto. Mas o que êle tinha era um remédio que afastaria os *pis*. Remexendo em sua sacola, êle tirou um vidro de comprimidos, que entregou à mulher, dizendo-lhe que



tomasse uma pílula por dia até terminar o vidro. A mulher agradeceu calorosamente, e voltou feliz, marchando pela estrada abaixo e olhando com admiração o seu presente—um vidro quase cheio de comprimidos de vitaminas, benéficas para gestantes.

Quando o primeiro médico da TADF do Nepal saiu para vacinar os moradores de uma aldeia vizinha, defrontou-se com o *baidya*—velho curandeiro desdentado—que lhe disse francamente:

—Nada feito.

—Por que não?—indagou o médico. —Isso evitará a varíola na sua aldeia.

—Não—repetiu o *baidya*.—Eu te-

nho uma galinha e um bombo, e são êstes os remédios de que precisamos.

Sem desanimar, o médico da TADF tirou do estôjo o seu estetoscópio e deixou que o velho ouvisse as batidas do próprio coração. Êle ficou visivelmente impressionado, mas não quis ceder. Então o médico lhe deu um estimulante para cheirar e disse-lhe que aquilo faria o seu coração bater mais depressa.

Quando isso aconteceu, o *baidya* arregalou os olhos e entregou os pontos.

—O seu remédio é o mais forte—declarou êle.—O povo o tomará.

E, para garantir a sua promessa, tomou o primeiro lugar na fila de vacinação, seguido de sua mãe, três espôças e 17 filhos.

A Dr.^a Mary Davia, que trabalhava no hospital da TADF na Ilha de Khong, no sul do Laos, ficava chocada com a perda de vidas motivada pela ignorância e superstição. Levou muito tempo para compreender a submissão do laosiano comum às fôrças sobrenaturais. Mas acabou por ver que êle não conhecia outra maneira de explicar as moléstias que fortuitamente o deixavam aleijado e matavam seus filhos, nem a fúria repentina do Rio Mekong, que varria a sua aldeia, destruindo o seu lar.

Tinha de ser obra dos maus espíritos, os *pis*, e êstes se transformavam em coisas muito reais para êle. Traziam a desventura e a morte, e o laosiano se resignava, porque não tinha motivos para esperar coisa melhor.

—Verne Chaney tinha-me dito que o meu verdadeiro trabalho seria dar um pouco de esperança ao laosiano—comenta Mary.

E assim ela aprendeu a nunca rir dos temores das pessoas e a procurar, com brandura, diminuir a intensidade com que os *pis* dominavam suas vidas. Quando lhe diziam que havia *pis* morando num coqueiro do lado de fora do hospital, ela sempre dava uma grande volta para passar longe dêles. Tôda vez que morria uma criancinha doente, as pessoas diziam que esperavam que o telhado não desabasse—sinal certo de que os *pis* se tinham instalado naquela casa. E Mary fingia sentir-se aliviada ao ver que o prédio se mantinha intato.

Mas havia limites para a sua condescendência. Uma vez uma mulher entrou no hospital com um bócio tão grande que tinha de ser carregado num saco. Os outros pacientes, apavorados diante de uma mulher tão visivelmente possuída pelos maus espíritos, gemiam de medo. Se ela ficasse, disseram êles, todos contrairiam a moléstia.

—Mas ela está doente—disse Mary.—Não posso mandá-la embora.

—Então iremos nós.

—Esperem até amanhã—insistiu Mary.—Certamente os *pis* não lhes farão mal em uma só noite.

Na manhã seguinte chegou de avião um médico de Pakse para dar o seu plantão quinzenal de cirurgia em Khong, e operou o bócio da mulher. Quando Mary a levou de volta à enfermaria, havia apenas um pequeno curativo indicando o local onde fôra o horrendo tumor.

—Que aconteceu?—indagaram os outros pacientes atônitos.

—Vocês eram numerosos demais para os *pis*—respondeu Mary.

Êles perceberam a brincadeira dela, naturalmente, e começaram a acreditar que a medicina da médica ocidental era—às vêzes—demasiado forte até mesmo para os espíritos. E assim deram um primeiro passo, embora pequeno, em direção àquele raio de esperança.

Porém Mary ainda estava muito longe de triunfar sôbre tôdas as dúvidas. Numa de suas clínicas à margem do rio, quando ela chegou com um intérprete e um ajudante laosiano a uma aldeia nunca dantes visitada por uma equipe Dooley, viu um meninozinho anêmico, desnutrido, sofrendo de malária e de disenteria. Deixou-lhe remédios e disse que voltaria. Quando voltou, viu que o remédio não fôra tocado.

—Tivemos medo que o fizesse ficar doente—disse o pai.

Mary fechou os olhos para reprimir a tentação de gritar. Então, calmamente, pediu ao intérprete que dissesse aos pais que ela deixaria remédio para o menino tomar durante uma semana.

—Diga-lhes—prosseguiu ela—que

tenho absoluta certeza de que se o remédio não desaparecer, quem desaparecerá é o menino.

Deu resultado. Aos pouquinhos o menino recuperou uma parte das forças, e dentro de seis semanas estava andando novamente. E porque Mary se mantinha presente e persistia, e visivelmente se interessava tanto, o padrão de resignação e suspeita existente em outras aldeias lentamente cedeu lugar a uma confiança hesitante. Hoje as pessoas acorrem em massa ao caminhão laranja da TADF quando chega ao povoado dêles, e cada vez mais procuram o hospital, que é um dos pontos de reunião mais populares da Ilha Khong. Numa região onde, há gerações sem conta, o ciclo da moléstia, da superstição e da pobreza tem sido ininterrupto, os voluntários da TADF estão introduzindo a novidade da saúde — e a esperança.

“Você Vai Voltar Para Casa com Disenteria”

DESDE o início Verne Chaney se defrontou com a escassez constante e frustradora de auxiliares dispostos. “Precisávamos de gente para aliviar a pressão sobre os médicos e as enfermeiras”, lembra êle. “Não era necessário que tivessem prática de Medicina, só inteligência suficiente para ver todos os serviços que havia por fazer e depois fazê-los sem esperar ordens.” Mas, como sempre, Chaney não tinha dinheiro para pagar empregados assim.

Um dia, quando Chaney voava

de uma costa a outra dos E.U.A., numa campanha para angariar recursos, ocorreu-lhe de repente que a desembaraçada aeromoça que acabava de lhe levar uma segunda xícara de café sem êle a pedir era exatamente o tipo da pessoa de que a TADF estava precisando. Certamente nenhum outro grupo poderia dar “embaixadores Dooley” tão perfeitos: as aeromoças tinham juventude, resistência, educação e boa aparência; eram treinadas para prever as necessidades alheias e para enfrentar o inesperado sempre com um sorriso nos lábios.

Quando expôs sua idéia a Sam Pryor, um dos vice-presidentes da Pan American e membro da diretoria da TADF, recebeu um apoio caloroso. Não só a Pan Am estaria disposta a conceder licenças de dois ou de três meses a algumas aeromoças, mas dispunha-se também a transportá-las de avião — e talvez também algumas de outras linhas aéreas — até à Ásia, quando houvesse lugares disponíveis a bordo dos aviões.

As aeromoças Marleane Thompson e Margery Burgy foram as primeiras voluntárias do nôvo projeto. Em 1959 o Dalai Lama e 80.000 súditos fiéis tinham fugido dos comunistas chineses e seguido para o exílio. Milhares haviam morrido naquela longa caminhada por sobre os desfiladeiros gelados do Himalaia e pelas terras ásperas onde haviam procurado a liberdade. Seus filhos eram cuidados em centros de refugiados ou em orfanatos improvisados.

Com o auxílio do Govêrno da Índia foram fundadas em Darjeeling, um pôsto indiano nas montanhas, perto da fronteira tibetana, uma escola e uma creche para cêrca de 250 dessas crianças refugiadas. Todo o seu pessoal se resumia em três professôras tibetanas, que dormiam no chão da escola, e pareciam tão famintas e maltrapilhas como as crianças sob sua guarda. Tendo recebido ordens para servirem onde quer que fôssem necessárias, Marleane e Margery começaram por organizar uma classe de inglês de manhã e um dispensário à tarde. Nervosas e conscientes de que nada sabiam sôbre ensino, medicina ou língua tibetana, elas tinham uma só coisa a oferecer — uma ternura sem limites. Essa elas distribuíram em abundância.

A princípio a linguagem de sinais preencheu a lacuna entre o inglês e o tibetano. Mas as crianças eram inteligentes, e em pouco tempo estavam falando um inglês decente. Os anciãos ficaram tão impressionados com as professôras que lhes deram nomes tibetanos. Marleane passou a ser Gey Lhamoo-la, ou Deusa dos Anjos, e Marge tornou-se Gey Yang Chen-la, Deusa do Saber.

Nenhuma das crianças tinha sapatos, e os trapos velhos e sujos que usavam se desmanchavam ao tocá-los. Tinham a cabeça inçadas de piolhos e os corpos magrinhos cobertos de abscessos purulentos. Contra essa sujeira generalizada, as aeromoças tinham apenas uma bica de água fria, sabão, um vidro de Lysol, al-

gumas ataduras miseráveis — e a sua própria habilidade.

A sua primeira providência foi mandar as cozinheiras esquentar água em suas enormes chaleiras. Depois despiram as crianças e deram um banho em cada uma. Os pequeninos, em sua maioria, nunca haviam passado sabão no corpo, e dançavam de alegria. Dêsse dia em diante, dois banhos por semana passaram a fazer parte invariável do programa. E as feridas das crianças, desinfetadas e pensadas, logo saravam.

Depois, armadas de tesouras e pentes, as môças atacaram as cabeleiras emaranhadas, deixando-as de um comprimento adequado para serem penteadas. Arranjaram também um aposento para o seu dispensário, onde faziam curativos nos joelhos esfoldados, ministravam analgésicos e aflagavam os òrfãosinhos que apareciam levados pela solidão.

Decorridas seis semanas, Marge Burgy adoeceu e teve de regressar à sua terra. Marleane duplicou suas aulas, ensinando cânticos às crianças, hábitos de higiene e um pouquinho de Aritmética. Limpava e cortava unhas, distribuía vitaminas, cantava e brincava com as crianças. Conseguiu de Chaney um sortimento de sapatos, com os quais calçou aproximadamente metade do grupo. Quando um turista americano lhe deu 10 dólares, ela comprou lã, e com agulhas de bambu as meninas mais velhas fizeram em duas semanas 60 pares de meias para as crianças.

Terminado o prazo de sua licença,

Marge mandou um cabograma a Pryor solicitando-lhe uma prorrogação de um mês; depois dessa implorou "mais uma só". Quando, afinal, se viu obrigada a partir, foi o dia mais triste de sua vida. "As crianças choraram, e eu chorei", relembra ela. "Parecia-me que eu havia deixado ali uma parte de mim mesma".

Até agora mais de 160 aeromoças voluntárias de 20 linhas aéreas já serviram no Sudeste da Ásia, sob os auspícios da Fundação. Elas desinfetam aparelhos sanitários, trocam curativos, enterram lixo e ocupam-se de qualquer um das centenas de outros serviços repugnantes e ingratos. E quase tôdas se esforçam por voltar a fazer uma segunda viagem de serviço. A própria Marleane Thompson já voltou à Índia quatro vezes.

"Não é o tipo comum de férias", observa ela. "A gente não ia encontrar nenhum rapaz simpático. Em lugar de pele bronzeada, a gente provavelmente voltará para casa com disenteria. Mas a nossa vida terá adquirido um valor especial, o que é mais do que se pode dizer de quaisquer duas semanas passadas na praia."

O Homem Que Gaguejava

EM JUNHO de 1962 aconteceu uma coisa horrível em Ban Houei Sai. Al Harris foi de avião a Vientiane comprar mantimentos e, quando voltou, foi recebido por uma notícia trágica: o Dr. Carl Wiedermann tinha morrido súbitamente.

Cheio de dor, Al Harris providenciou para que o corpo de Wie-

dermann fôsse trasladado para os Estados Unidos; fêz um longo e triste relatório para Chaney, e continuou a receber os pacientes que chegavam incessantemente, pois a doença não desaparecia do Mekong por Wiedermann haver morrido. "Pensei, a princípio, que fôsse sofrer um esgotamento nervoso", escreveu êle a Chaney, "mas verifico que não posso incluir isso no meu programa."

Agora tôdas as decisões eram dêle, e havia momentos em que Al não sabia o que fazer. Uma vez os aldeões levaram-lhe um homem que havia sido escornado por um búfalo. Tinha a frente do corpo aberta do ilíaco esquerdo até o ombro direito. "Quis fugir", relembra Al. "Queria dizer-lhes que retirassem do hospital aquele corpo ensangüentado, porque eu não poderia cuidar dêle."

Mas é claro que êle fêz o que tinha de ser feito. Respirou profundamente, várias vezes, depois mandou que o homem fôsse levado para a sala de operações e começou a costurar. Depois de três horas, tendo dado centenas de pontos e tendo o paciente perdido um litro de sangue, saiu da sala, pálido e sem certeza alguma de que êle próprio não fôsse adoecer. Mas o paciente salvou-se.

Posteriormente, naquele verão, a mãe de Al faleceu, e êle teve de voltar aos E.U.A. Antes de seu regresso à Ásia, duas coisas importantes aconteceram. Primeiro, êle conheceu uma linda morena, e pela primeira vez na vida pensou em casar-se. Segundo, Verne Chaney telefonou-lhe expli-

cando que a Fundação se estava firmando em vários lugares.

—Precisamos de alguém para se encarregar de toda a operação, Al, um diretor administrativo de campanha—disse Chaney.—Que tal você?

—Verne—respondeu Al após um longo silêncio.—Eu quero, você sabe disso. Mas eu não tenho experiência. Você me está oferecendo isso por lealdade ou por sentimento.

—Em parte você tem razão—respondeu Chaney.—Se eu tivesse um homem com melhores credenciais, eu o mandaria. Mas não tenho. Pelo menos, nenhum com a sua coragem.

Uma semana depois Al estava de volta a São Francisco, para três dias de instruções e pensar muito em sua morena. Na noite anterior ao seu embarque para Vientiane, êle pediu uma ligação interurbana para a môça e disse-lhe que o que êle tinha para oferecer-lhe era uma vida de incertezas: moradia precária, ausências prolongadas e uma renda problemática de 150 dólares por mês. Mas êle a amava. Estaria ela disposta a ir para Vientiane e ser sua espôsa? Sem hesitar, ela aceitou. E pouco depois ela seguiu para a Ásia e os dois se casaram.

A nova Sr.^a Harris verificou que sua vida ia ser realmente agitada. Em geral durante três semanas por mês Al se ausentava para visitar os hospitais e procurar organizar novos programas da Fundação. E, além das chuvas das monções, dos problemas de uma dona de casa em terra estra-

nha, da incerteza de sobreviver a dois golpes políticos, a casa dos Harris em Vientiane era também a sede da TADF no Laos, e tinha de servir como alojamento provisório para uma série contínua de voluntários a caminho de outros postos avançados da Fundação.

Como sempre, a ruína financeira raramente se achava a mais de um dia de distância da chegada do correio. Quando deixavam de chegar os cheques de São Francisco—desesperadamente necessários para comprar remédios e mantimentos—todos se voltavam para Al e perguntavam: “Que vamos fazer *agora*?” Em breve êle aprendeu a engolir o seu próprio terror, a sorrir e a responder calmamente: “Ora, esperaremos o correio de amanhã.”

Em princípios de 1966, quando Chaney escreveu dizendo que encontrara outro jovem que poderia substituir Harris como diretor administrativo, o casal Harris preparou-se para voltar aos E.U.A. “Teríamos ficado lá para sempre”, diz Al, “mas o mundo não é bem assim, não é verdade? Eu tinha quase 30 anos, precisava terminar a universidade e pensar em constituir família.”

Durante a sua infância e nos primeiros anos de sua mocidade, Al tinha sido gago. Quando, pela primeira vez, pediu para trabalhar com Dooley na Ásia, tinha a certeza de que seria recusado por ser gago.

—Por que deseja o emprego?—perguntou-lhe Dooley.

E, certo de que ia perder a sua

última oportunidade, Al surpreendeu-se dizendo a verdade:

—Po-po-porque estou ca-can-cansado de trabalhar só por di-di-dinheiro. Quero fazer alguma coisa por mi-mi-mim!

Dooley ficou satisfeito. Êle tinha uma desconfiança doentia (como Verne Chaney tem hoje) dos abnegados que proclamam um desejo de se sacrificarem pelos oprimidos.

—Volte dentro de um mês—disse Dooley sêcamente—e mandaremos você para lá com uma turma.

Que vantagem tirou Al Harris dos anos que dedicou a Tom Dooley e à TADF? Êle encolhe os ombros à pergunta, sorri para a filhinha que segura no colo, depois encolhe os ombros novamente.

—Não sei—diz por fim.—Não tenho muito jeito para falar nessa história de realizar-se.

Êle nunca alude ao fato de que há anos não gagueja.

Oito Garôtas Risonhas

DE TÔDAS as estatísticas sôbre as enfermidades da Ásia, talvez a mais trágica seja o índice de mortalidade infantil. No Laos, por exemplo, as crianças não recebem nome antes de completarem um ano de idade pelo fato de morrerem tantas e os pais acreditam que é melhor elas voltarem aos céus “desconhecidas”.

Quando Marge Alberding, uma esguia enfermeira de voz suave, entrou para a equipe da TADF no Laos, o estado dessas crianças pequenas dilacerou-lhe o coração. Marge

não era caloura em vida primitiva; tinha trabalhado vários anos entre os esquimós e os índios, nas terras desoladas do norte do Canadá, até que a morte de Tom Dooley a induzira a procurar uma nova carreira no Sudeste da Ásia.

Verne Chaney designou Marge para Ban Houei Sai, e foi lá que ela presenciou pela primeira vez a luta diária pela vida que tôda criança do Laos é obrigada a enfrentar. Um dos males mais comuns que ela tratou foi a verminose. Nunca tinha visto tantas crianças de barriga inchada devido aos vermes. E muitas vêzes eram crianças “sadias”, observou Marge. As realmente doentes às vêzes vomitavam vermes e sua contagem de glóbulos descia a um nível perigosamente baixo.

Marge passou 10 meses em Ban Houei Sai, depois juntou-se à equipe da Fundação da Ilha Khong. Nessa altura a sua preocupação principal era fazer alguma coisa para conter o tremendo índice de mortalidade entre os recém-nascidos. Percorrendo a pé a província de Sithandone, chegando às aldeias remotas, de canoa e de motocicleta, ela fêz um levantamento que revelou alguns dados estarrecedores: em cada dois bebês, um morria antes de completar quatro meses; nem mesmo uma mulher grávida em cada 50 contava sequer com a assistência de uma parteira na hora de dar à luz.

Disenteria, desnutrição e infecções eram as principais causas da morte, e Marge sabia que qualquer de-

las poderia ser evitada, bastando que houvesse alguma forma de ensinar às mães o que deviam fazer. Algumas semanas depois de completar o seu estudo, ela apresentou uma proposta ao Ministério da Saúde do Laos e à sede da TADF, para iniciar um programa de treinamento para as parteiras rurais em Khong. Quando a Organização Mundial de Saúde e a UNICEF concordaram em ajudar com mantimentos e material didático, foi aprovado o programa e fizeram-se preparativos para dar início às aulas em fins de 1964.

Um velho galpão, feito de estume de vaca e de argila, tornou-se a nova "Clínica de Saúde Maternal e Assistência à Infância". Quando alguém se encostava à parede, ela desabava. Um carpinteiro que veio para consertá-la caiu através do chão. Mas as paredes e o assoalho foram consertados, foi caiada a parte externa e o interior forrado de chapas para colocar cartazes sobre higiene e saúde pública como decoração educativa. Depois que foi instalada uma porta para impedir a entrada de cachorros e porcos curiosos, Marge podia começar a funcionar.

As primeiras alunas, oito mocinhas tímidamente sorridentes, de 18 a 21 anos de idade, foram escolhidas em Sithandone e na província vizinha de Attopeu. As aulas começaram em 1.º de novembro, e as primeiras semanas foram dedicadas a preleções e trabalhos práticos. O domínio que Marge possuía do idioma laosiano ainda era limitado, e muitas vezes

ela tinha de recorrer a tradutores, mas era evidente que as futuras parteiras tinham um desejo enorme de aprender. Acostumaram-se a voltar à sala de aula tôdas as noites, onde passavam duas ou três horas costurando roupinhas de bebê para as novas mães que elas iriam conhecer e fazendo uma revisão das aulas daquele dia. Com o tempo Marge conquistou a sua confiança, tarefa vital, pois quase tudo o que ela lhes ensinava era completamente estranho àquilo em que elas acreditavam.

Por exemplo, durante a gestação, as laosianas só comiam arroz e sal, convencidas de que os outros alimentos envenenariam o feto. Depois do parto, as mães tinham o costume de ficar deitadas perto de uma fogueira, sob calor intenso, durante sete dias, o que muitas vezes as deixava tão enfraquecidas que adoeciam.

Pacientemente Marge ensinou suas mocinhas a conquistar a confiança das pacientes, tolerando os costumes que não fizessem especificamente mal e tentando abrandar os piores efeitos dos outros. As mulheres teimavam em deitar-se ao lado do fogo? "Muito bem, mas diga-lhes que, se elas se afastarem do fogo no segundo dia, se sentirão mais fortes no terceiro." O arroz era parte do regime das gestantes? Muito bem. "Mas procure fazer com que elas compreendam que se comerem frutas e peixe também, seus bebês serão mais fortes."

Dia após dia, uma nova lição vital era martelada na cabeça das alunas: o que elas estavam aprendendo sô-

bre a desnutrição e a higiene era mais importante do que os alimentos, ou até mesmo os remédios, pois algum dia elas teriam de agir por si sós e teriam de se arranjar com o que havia em seus cérebros e em seus corações.

Enquanto as lições prosseguiam, as oito novatas começaram a se transformar de adolescentes bobinhas em môças sérias e responsáveis. Ao fim de um mês, o treinamento prático foi ampliado, abrangendo assistência e o ensinamento a pacientes de verdade na clínica. Tradicionalmente os bebês laosianos nascem em casa, e a princípio só as mulheres com grandes problemas podiam ser convencidas de ir até ao prédiozinho de barro. Mas à medida que os meses foram passando e quando se espalhou a notícia de que as mães que obedeciam ao programa pré-natal estavam dando à luz filhos mais fortes — e que nenhum havia morrido — um número cada vez maior de mães começou a procurar a clínica. Em breve se tornou evidente que aquêlê prédio não servia mais.

Em junho de 1965, quando suas alunas foram para o hospital do Estado, em Pakse, para prestar exames, Marge tomou um avião e foi até à sede da Fundação em São Francisco. Lá ficou combinado que escreveriam a antigos patrocinadores de Dooley, solicitando recursos para construir e equipar um centro permanente de assistência à maternidade e à infância. As primeiras e modestas contribuições começaram a

chegar em fins de julho, mas a notícia realmente eletrizante chegou num envelope fino no início do outono. Um grupo de criancinhas escreveu que elas tinham sabido do último projeto da TADF e que tinham resolvido “adotar” o programa das parteiras como sua iniciativa pessoal. Junto havia um cheque de 2.000 dólares.

A nova maternidade, espaçosa e inteiramente isolada, com chuveiro, banheira, instalações sanitárias e luz, ficou pronta no verão seguinte. A UNICEF forneceu cêrca de duas toneladas de equipamento — quase tudo o que o grupinho das parteiras de Marge precisava para funcionar.

Enquanto isso, as suas oito primeiras alunas, tendo completado o treinamento e sido aprovadas nos exames, despediram-se comovidas e partiram para a longa viagem de volta às suas aldeias, onde subcentros de clínicas haviam sido instalados para elas. Lá, montadas nas suas bicicletas doadas pela UNICEF e carregando suas maletas de parteiras, elas estão levando assistência profissional e ensinamentos a pessoas desesperadamente necessitadas. As quatro môças que foram para Attopeu, por exemplo, são a primeira assistência médica que aquela província de 53.000 habitantes já conheceu. É um comêço modesto, mas já ajudou a iluminar mais um canto escuro da Terra.

Vitória no Nepal

UM DOS MAIORES programas da TADF, levado a efeito no Nepal,

A única coisa que você ouve dentro do Ford LTD e do Galaxie 500 é o silêncio

Não é verdade. Você também ouve o rádio. Se ele estiver ligado, claro! Ouve os ruídos da rua. Se os vidros das janelas estiverem abertos. Com os vidros fechados, você liga o ar condicionado* e viaja como se estivesse na mais confortável sala de sua casa. Do motor nenhum ruído. O Ford LTD e o Galaxie 500 provam que o motor mais potente pode ser também o mais silencioso. Da carroçaria nenhum ruído. No Ford LTD e no Galaxie 500 o silêncio faz parte do

projeto do carro. É todo esse silêncio aumenta o prazer de dirigi-los. E você ainda tem o conforto da transmissão automática* (FORD-O-MATIC), da direção hidráulica, freios auto-ajustáveis, lubrificação para 50 mil km, troca de óleo a cada 10 mil km. O Ford LTD e o Galaxie 500 nada ficam a dever aos mais confortáveis e luxuosos importados, e ainda lhe dão o silêncio como prova de qualidade. Vá ouvir o silêncio do LTD e do Galaxie 500 no seu Revendedor Ford.

*Opcional



Faça do seu Ford LTD ou Galaxie 500, um oasis refrescante neste país tão tropical. Instale ar condicionado.



GALAXIE 500 

Em 1970 a Ford dá a você o privilégio da escolh

foi concebido quase que por acaso. Desde o seu primeiro despertar para o mundo moderno, os chefes do Nepal viram que se defrontavam com problemas tremendos, até mesmo comparados com os de outros povos asiáticos. Os 140.000 quilômetros quadrados do Nepal incluem planícies geladas, ao norte, salpicadas pelos lendários picos do Himalaia. Por outro lado, a 150 quilômetros de distância, no extremo sul do reino, são comuns as temperaturas estivais de 50°C. As comunicações são primitivas e as pessoas vivem tão isoladas pelo terreno acidentado, que aldeias inteiras já foram dizimadas por moléstias, sem que uma palavra chegasse à capital, Catmandu, a não ser muito tempo depois.

Como explicou certa vez o Dr. Narayan K. Shah, funcionário do Departamento de Saúde Pública do Nepal, ao jovem Dr. Emmanuel Voulgaropoulos, o seu govêrno só possuía dados quantitativos referentes a uma moléstia — a malária. “Sabemos, naturalmente, que temos tôdas as outras — boubá, cólera, tifo — o senhor pode escolher”, disse êle. “Mas ninguém tem idéia de como estão distribuídas nem dos fatôres relacionados com elas. Como poderemos, pois, começar sequer um programa racional de saúde pública?”

O Dr. Voulgaropoulos, que foi também diretor e vice-presidente da TADF, achou que sabia. Que tal, disse êle, a Fundação Dooley realizar um levantamento completo das condições de saúde do país?

O Dr. Shah apoiou fervorosamente a idéia, mas a coisa pareceu-lhe boa demais para ser verdade.

— Êles aceitariam fazê-lo?

— Não sei — respondeu francamente o Dr. Voulgaropoulos.

Mas, quando o plano foi proposto a Verne Chaney, êle viu logo que poderia transformar-se num dos programas mais importantes da TADF.

— Ê claro que vamos fazer isso — respondeu.

Então, como sempre, as dificuldades começaram a se avolumar. A TADF não possuía nem os recursos nem o pessoal para um projeto assim. Chaney procurou associar-se a alguma universidade que tivesse conquistado reputação e prestígio no campo da saúde pública. Cinco lhe negaram colaboração. Por fim conseguiu persuadir a Universidade do Havaí a aceitar a incumbência, e, tendo assegurado o compromisso da escola, partiu para a conquista de todo o Estado do Havaí.

Conseguiu-o. O legislativo aprovou uma resolução elogiando a TADF, referendando o levantamento e instando para que todos os havaianos lhe dessem o seu apoio. O Governador John A. Burns declarou a semana de 15 a 21 de novembro de 1965 a “Semana dos Embaixadores Havaianos ao Nepal”, e lançou uma campanha para que 150.000 pessoas doassem um dólar cada uma para o programa de saúde.

A turma de Dooley — quatro homens e seis mulheres — chegou a Catmandu, de regresso do Havaí, em

junho de 1965. Uniu-se a um grupo nepalês, selecionado pelo Dr. Shah, e juntos escolheram 25 aldeias para a experiência. Em princípios de agosto teve início o levantamento. Como as estradas eram praticamente inexistentes no montanhoso Nepal, o grupo enfrentou intermináveis contratempos devidos à condução, além das violentas chuvas da monção, mil dificuldades de logística e problemas "secundários", como mosquitos, sanguessugas e um calor insuportável.

Como não poderia deixar de ser, a equipe Dooley também encontrou problemas entre os aldeões. Em sua maioria eles colaboravam, mas seus hábitos eram rígidos e enraizados em superstições seculares; e às vezes, mesmo sem o saber, o grupo Dooley os apavorava com atitudes inteiramente inocentes. Um dia, numa aldeia no extremo oeste a enfermeira Peggy Rowan começou as suas entrevistas domiciliares sentada nos degraus das portas porque o sol poente a estava incomodando muito. Completou a sua ronda em três casas antes da hora de largar, voltou para a barraca, comeu alguma coisa e foi dormir. Quando se levantou, na manhã seguinte, as três casas haviam desaparecido.

Durante um minuto, Peggy achou que devia ter perdido o rumo. Mas a aldeia consistia apenas em um punhado de casas, e não havia como negar o fato de que três delas haviam desaparecido, ficando apenas uma terra bem batida no lugar onde antes se erguiam as paredes de tijolo.

Peggy correu a procurar Peyton, seu marido, outro membro da equipe.

—Você tem certeza de que são as três que você visitou ontem?—perguntou êle.

—Tenho—respondeu ela, confusa.

Encontraram um intérprete e foram perguntar ao vizinho mais próximo. Ninguém queria falar com eles, nem mesmo permanecer na sua presença, mas afinal surgiu a verdade. Os aldeões consideravam os ocidentais pálidos fantasmas, e toda vez que Peggy se sentava num degrau, aquêle local passava a ser considerado amaldiçoado e profanado. Amáveis demais para lhe dizerem isso, os moradores das três casas haviam respondido às perguntas dela, e depois, durante a noite, haviam demolido suas casas para reconstruí-las longe dos lugares azarados.

Peggy ficou estarrecida.

—Imaginem!—disse ela.—Se eu tivesse podido começar a trabalhar mais cedo, ontem de manhã, a aldeia inteira teria desaparecido!

Daí por diante, ela passou a fazer suas entrevistas bem longe das casas.

Apesar de todas as dificuldades, entretanto, a equipe conseguiu terminar o levantamento das condições de saúde após um ano e meio de trabalho tremendamente estafante. As resmas de dados estatísticos compilados para o Ministério da Saúde do Nepal estão ainda hoje ajudando a reestruturar os padrões de saúde de toda a nação. Na verdade, o programa revelou-se tão bem sucedido que

a Fundação está agora realizando o seu segundo levantamento nacional de saúde no Laos.

Clínica-Teatro Flutuante

ENQUANTO crescia o âmbito do trabalho da Fundação, Verne Chaney começou a meditar sobre o fato de que os pacientes que procuravam os hospitais Dooley eram geralmente os casos mais graves. A maior parte das pessoas, para não saírem de suas aldeias, perdendo assim o seu reduzido ganha-pão, preferiam continuar a trabalhar mesmo doentes. Chaney sonhava em levar assistência médica às aldeias, para ajudar essa gente enquanto havia tempo para efetuar uma cura, e foi assim que nasceu o Projeto Clínica-Teatro Flutuante.

Ele imaginou uma frota de embarcações grandes e sólidas, de 12 metros de comprimento, o tamanho dos barcos-residência, adaptadas para transportar equipamento básico de medicina, com cabinas-clínicas flutuantes. Via essas embarcações percorrendo os recantos mais longínquos do Rio Mekong, entre o Laos e a Tailândia, da fronteira com a China ao Camboja e talvez ao Vietname, levando diversões para atrair os aldeões e remédios para curá-los.

Até mesmo alguns dos mais leais de seus partidários disseram que ele estava doido. A despesa excederia tudo o que a TADF jamais empreendera. O custo de cada barca, equipamento com instalações de cirurgia, de laboratório, de esterilização e de raios X, juntamente com os recursos

necessários para contratar pessoal e fazê-la funcionar durante um ano, iria acima de 100.000 dólares.

Levantar este dinheiro foi uma tarefa demorada e incrivelmente desalentadora. Mas, com a mesma perseverança obstinada que dera vida à Fundação Dooley, Chaney lutou valentemente pelo novo projeto, e aos poucos foi arrancando recursos de fontes tão diversas como uma fundação de Nova York (45.000 dólares) e um *hippie* de São Francisco (5 centavos). A primeira clínica-teatro flutuante ficou pronta em princípios de 1967. Batizada com o nome de *Cidade de São Francisco*, chegou à Ilha Khong em outubro.

Quando a embarcação branca e reluzente atraca num vilarejo do Laos, a princípio os aldeões ficam admirados e curiosos. Mas logo são atraídos por um movimentado teatrinho de fantoches, no qual se demonstra como a água fervente (em ebulição) mata os germes e por que é importante escovar os dentes. Os diálogos são gravados em fita, no idioma laosiano, e é quase impossível a qualquer pessoa deixar de perceber a mensagem, pois há cartazes em toda a extensão do convés para demonstrar os princípios básicos de higiene e saneamento.

Depois são exibidos desenhos animados, seguidos de filmes sobre saúde pública, onde o vilão é uma mósca, muitas vezes ampliada. "Os aldeões acham que nós temos um problema de saúde pior do que eles, porque nossas mósca são bem maio-

res do que as dêles”, diz um médico. “Mas enquanto isso êles vão entendendo a mensagem.”

O espetáculo prossegue enquanto a equipe médica começa a vacinar as crianças contra poliomielite, tétano, coqueluche e difteria. A visita a cada aldeia termina com uma oportunidade dada a todos de consultarem o médico, e na visita seguinte da clínica-teatro flutuante os aldeões e os médicos já são velhos amigos.

O segundo teatro-flutuante, *Estado da Flórida*, juntou-se à embarcação-irmã no ano passado. As duas clínicas-flutuantes e seus menestréis médicos serão símbolos de esperança para milhares de pessoas que, sem êles, estariam condenadas a uma vida curta e a uma morte dolorosa.

Coisas Extraordinárias

CHANEY considera pequena a possibilidade de algum dia voltar à sua clínica particular. A Fundação está hoje funcionando com um orçamento anual que recentemente ultrapassou 500.000 dólares. Está completamente livre de dívidas, e aos poucos vai construindo um fundo de reserva. Ela continua a contar com pequenos patrocinadores, não apenas por causa das contribuições que fazem em dinheiro, mas porque o seu sentimento de participação dá sentido à filosofia da TADF.

Além disto, inúmeros produtos e serviços são doados por firmas de

produtos farmacêuticos e cirúrgicos, pelas companhias de transporte rodoviário, que levam as mercadorias gratuitamente, conforme o espaço disponível nos caminhões. E, graças a êsse auxílio dos voluntários, os recursos da TADF rendem muito mais do que a maioria dos outros.

Todos os anos a TADF homenageia as personalidades públicas que mais tenham contribuído para obras humanitárias em âmbito internacional. Os seus troféus já foram conferidos a Henry Cabot Lodge; Dean Rusk; Bob Hope; ex-Embaixador no Japão, Edwin O. Reischauer; a Danny Kaye; o Senador pelo Havaí Daniel K. Inouye; Kirk Douglas; o ex-Presidente do Banco Mundial, Eugene Black; e a John Glenn. A entrega dos troféus é feita num banquete em que os convidados pagam 50 dólares por prato — mais um subsídio para a Fundação.

Os detentores dos troféus são devidamente elogiados pelos serviços prestados, mas logo reconhecem, de público, o fato de que as pessoas mais extraordinárias da TADF quase nunca comparecem à festa. São êles os médicos, as enfermeiras e outros voluntários da Fundação, espalhados por todo o Sudeste da Ásia. Êles representam o eterno legado humano da alma piedosa de um homem. Êles preencheram as modestas exigências para o serviço que Tom Dooley idealizou e deram vida ao sonho dêle.

(Tradução de Amalia Machado da Costa)

